

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

AS MARCAS DA ESCRAVIDÃO NA SUBJETIVIDADE BRASILEIRA

Flávia Valério Manso (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá); Laís Garcia Gumiero (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá); Eliane Domingues (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá).

contato: flavia_vmanso@hotmail.com

Palavras-chave: Psicologia. Escravidão. Marcas subjetivas.

Este projeto está aderido a um projeto denominado *Identidade nacional: mitos e estereótipos do ser brasileiro* que tem o objetivo de investigar o que marcou a construção da identidade brasileira no passado, e também quais as novas marcas, buscando a especificidade do olhar psicológico.

Para Slavutzky (1999), durante aproximadamente 350 anos o Brasil conviveu com a escravidão considerada legal. E ao falar desse período escravocrata, portugueses, espanhóis e ingleses já vêm em mente, sendo que estes superlotavam os porões dos navios negreiros africanos, colocando-os a venda de forma desumana e cruel por toda a região da América. Eram os portugueses que os traziam de suas colônias na África para utilizar como mão-de-obra escrava nos engenhos de açúcar do Nordeste. Ela provém desde o início da História, quando os povos vencidos em batalhas eram escravizados por seus conquistadores. No Brasil, a escravidão teve início com a produção de açúcar na primeira metade do século XVI. mão-de-obra escrava nos engenhos de açúcar do Nordeste. Ainda para Slavutzky (1999), os comerciantes de escravos portugueses vendiam os africanos como se fossem mercadorias no país.

Os escravos no Brasil não eram unidos, e nem considerados iguais, pois provinham de diferentes países, de diferentes raças, de diferentes tribos, e tinham costumes e línguas diferentes. Ressalta-se ainda a existência do chamado crioulo, nascido no Brasil, que era considerado um negro diferente do negro africano.

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

Algo que muito angustiava os escravos, de acordo com Costa (2004), era a humilhação fincada na submissão que os escravos sofriam. Esses eram submetidos a golpes físicos e maus tratos, além de golpes morais. Como citado anteriormente, os escravos eram tratados como mercadoria, eles podiam ser vendidos, trocados, emprestados, alugados, doados e dentro do Direito, podiam ser penhorados, e servirem de embargo. Eles só eram considerados gente quando cometiam um crime, quando então lhe aplicavam o Código Penal. Em relação a isso, os escravos eram protegidos por uma brutal legislação que permitia castigos, penas e maus tratos à eles. Os fazendeiros e donos de engenho abusavam do direito de maltratar o negro, sendo eles chicoteados, presos a correntes de ferro a um cepo, obrigados a usar um colar de ferro, caso tentassem fugir.

Hoje, ao falar da escravidão no Brasil, mesmo após mais de 100 de sua abolição, é falar da pobreza, de miséria, ou seja, de exclusão, sendo que o tráfico foi o maior negócio de importação brasileiro até 1850. Além disso, prevalecia um excesso sexual, e uma imagem sobre a animalidade e a luxúria dos nativos, como cita Carmo (2011).

No Brasil, consolidou-se a ideia de que o homem branco cometia adultérios, principalmente com suas escravas, o que causava ciúme ou inveja sexual nas grandes sinhás brancas, bem como o sadismo que nelas aflorava. As senhoras poderiam ser piores que os senhores no tratamento dos escravos, sobretudo, com as negras.

No ditado popular “branca para casar, mulata para foder, negra para trabalhar” entende-se uma moralidade perversa e exploração sexual da mulher escrava. Ela era claramente associada à função de objeto sexual, e sua sensualidade era entendida como responsável pelo desvio de conduta do homem.

Os casos de envolvimento sexual entre senhores e escravas predominavam no período da escravidão, mas fatos comprovam também relações carnavais entre sinhás e escravos. Com isso, quando as moças brancas pariam filhos mulatos, esses eram entregues às escravas negras, para que as jovens brancas não tivessem sua reputação comprometida. Constava-se que os filhos dos senhores brancos com as escravas negras serviam como mão de obra para trabalho.

Tanto o homem quanto a mulher escravos foram destituídos de sua humanidade, mas a condição subalterna do homem era mais intensa. Isso faz com que estejam presentes marcas da escravidão específicas para ele, em relação ao contexto que se encontrava, e que apareçam

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

questões a se refletir acerca de quais foram as consequências subjetivas para esses homens negros diante dessas marcas. Outra questão que pode ser levantada a respeito é referente a como elas afetam as pessoas que não são negras.

Consta que o período da escravidão destruiu famílias ainda na África, separando marido e mulher, pais e filhos, e outros parentes. Mesmo quando capturados juntos, todos os membros de uma família, eram separados ao chegarem ao mercado escravo brasileiro, pois os laços familiares não eram levados em consideração. Não se negociavam famílias, mas “peças” individuais.

Como já citado anteriormente, devido aos mais de 300 anos de escravidão no Brasil, marcas foram deixadas no país e na subjetividade do brasileiro, e são estas marcas que serão objeto de estudo desta pesquisa. O estudo contribui para compreender o período da escravidão na perspectiva do homem negro destituído de sua humanidade a partir dos maus tratos e humilhações que sofriam. Contribui também para entender como a mulher negra era tratada, vista como objeto sexual pelos senhores brancos, por exemplo, e mal tratadas pelas senhoras enciumadas e com raiva, pois eram traídas explicitamente pelos seus maridos. Porém, não só as negras foram marcadas, mas também as senhoras brancas, que eram obrigadas a suportar as traições de seus maridos sem questionar.

A partir desses e dos demais pontos que este trabalho abrange, consta-se a importância em compreender as marcas psicológicas que negros e brancos carregam para si da história vivida por seus antepassados na época da escravidão. Também visa estudar o quão elas influenciam nas atitudes sociais, na formação de estereótipos e preconceitos para as pessoas e na própria constituição de suas identidades.

Existem contribuições teóricas para a Psicologia em si, já que ela se apresenta para compreender e lidar com essas marcas subjetivas que afetam e influenciam tanto os brancos como os negros da sociedade, bem como as relações que os mantêm. Também se cita as contribuições que a Psicologia em interface com a área da Sociologia traz.

A pesquisa tem como objetivo geral comparar as marcas subjetivas deixadas pelo período da escravidão para brancos e negros brasileiros. Também apresenta objetivos específicos, são eles: investigar as marcas subjetivas deixadas pelo período da escravidão para brancos brasileiros; caracterizar marcas subjetivas deixadas pelo período da escravidão para

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

negros brasileiros; e, identificar eventuais semelhanças e diferenças entre brancos e negros brasileiros com respeito às marcas subjetivas deixadas pelo período da escravidão.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica exploratória. Para Gil (2007), uma pesquisa bibliográfica é realizada a partir de um material já existente, tratando-se principalmente de livros e artigos científicos. Esse tipo de pesquisa se faz importante pois contribui para a produção de conhecimento. Uma pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema em questão, tornando-o mais claro. Além disso, visa a construção de hipóteses e tem como objetivo principal aprimorar ideias ou descobrir intuições. Possui um planejamento flexível, possibilitando considerar os mais diversos pontos relacionados ao fato estudado. Pode-se dizer que esta pesquisa é de caráter bibliográfico exploratório, pois seu objetivo não é fazer uma revisão de literatura, e sim buscar elementos a partir de obras já existentes. E a partir desses materiais, fazer uma relação interdisciplinar com a literatura, história, sociologia, além da psicanálise.

O procedimento da pesquisa funcionará com a caracterização das fontes, visto que para o estudo e análise das informações, serão consultados livros, capítulos de livros. Artigos e dissertações também poderão ser utilizados. A pesquisa trabalhará com alguns clássicos da Sociologia, como por exemplo “Casa grande e senzala” do autor Gilberto Freyre. O livro citado recebeu várias críticas de leitores, porém, ressalta-se que é essencial para o presente estudo, a fim de compreender a concepção de negro que o livro apresenta. Essas leituras serão feitas a partir da Psicanálise. Também contará com a seleção das fontes, e a fim de selecioná-las, serão usadas palavras-chave como: escravidão, marcas subjetivas, negros, brancos, Psicologia. E para a análise dos dados, serão realizados fichamentos e sistematização destas em tópicos, estes, serão de transcrição, que auxiliam no armazenamento de informações relevantes, que são transferidas das obras para os fichamentos com a utilização de aspas no início e final da transcrição.

Referências

CARMO, P. S. do. A luxúria colonial escravista. In:_____. **Entre a luxúria e o pudor:** a história do sexo no Brasil. São Paulo: Octavo Ltda, 2011. cap. 2, p. 29 – 48.

CARMO, P. S. do. Criando a imagem da devassidão escrava. In:_____. **Entre a luxúria e o pudor:** a história do sexo no Brasil. São Paulo: Octavo Ltda, 2011. cap. 8, p. 159 – 178.

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

GIL, A. C. Como classificar as pesquisas? GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007. p. 41 – 57.

GONÇALVES, J. M. F. Prefácio. In: COSTA, B. F. da. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Editora Globo, 2004. p. 9 – 53.

SOUZA, E. As marcas da escravidão. SLAVUTZKY, A. **Psicanálise e colonização**: Leituras do sintoma social no Brasil. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. cap. 3, p. 143 – 147.